

IDENTIDADE E NARRATIVA LITERÁRIA NA AMAZÔNIA

Dr^a Simone de Souza Lima (UFAC)¹

RESUMO:

As narrativas da Amazônia trazem a marca da diversidade cultural e social como emblema. O ponto central dessa diversidade pode ser “imaginado”, muito mais do que de fato verificado, na narração de viagem do frei dominicano Gaspar de Carvajal. Nos meses de junho, julho e agosto de 1542 a expedição espanhola comandada por Francisco Orellana mantém contato com várias “províncias” dispostas às margens do grande rio *Santa Maria de la Mar Dulce* (Vicente Yañez Pinzón), depois da afamada viagem conhecido como o rio de las Amazonas. A narrativa inaugura discursivamente um território – a Amazônia, ao tempo que forja emblematicamente, pelo viés do mito, um imaginário flutuante, aquático e essencialmente misterioso.

Palavras-chave: identidade, imaginário, cultura amazônica.

Início o presente trabalho recontando um fragmento da história de como a Amazônia entrou efetivamente no palco da modernidade, no mundo do século XVI, de como essa parte dos trópicos, hoje cobiçada por todo o mundo, em razão de sua rica biodiversidade e sócio-diversidade, foi sentida por um grupo de espanhóis que a inventaram e a apresentaram discursivamente para a Europa. Eis as palavras preñes de sentidos produzidas pelo Frei Dominicano Gaspar de Carvajal, na fantástica viagem ocorrida entre fevereiro de 1541 a setembro de 1542:

(...) E quis Deus que, dobrando uma ponta que o rio fazia, víssemos adiante na margem uns povoados grandes, de onde saíam em direção a nós alguns índios em canoas; e assim que estiveram próximos, a um tiro de besta dos bergantins, o capitão começou a chamá-los com sinais de paz os quais eles, entendidos ou não, não responderam, antes começaram a dar gritos e faziam sinais ameaçando-nos com seus arcos e flechas.

Aqui viram índias com arcos e flechas que faziam tanta guerra quanto os índios ou mais e comandavam e animavam os índios para que pelejassem; e quando queriam batiam com arcos e flechas aos que fugiam e faziam ofício de capitães ordenando àquela gente que guerreasse, colocando-se na frente e segurando os outros para que estivessem firmes na batalha, a qual travou-se com muito rigor. E sendo esse exército tão estranho às mulheres, como o sexo feminino o requer, e poderá parecer grande novidade ao leitor que vir essa minha relação, digo para meu desengano que falo do que vi; e o que pudemos entender e se teve por certo é que aquelas mulheres que lá pelejavam como amazonas são aquelas de quem, em muitas e distintas relações nessas Índias ou partes, corre há muito larga fama, decantada de muitas maneiras, da existência dessas belicosas mulheres. (PORRO, 1992, p.36-59).

¹ Professora de Literatura Brasileira da Universidade Federal do Acre, Departamento de Letras, ssouzalima@gmail.com

Quais as implicações desse discurso tão marcadamente fantasioso para o Brasil? Com ele, Gaspar de Carvajal, e os irmãos Francisco e Gonzalo Pizarro, organizadores da grande expedição que partia de Quito, em fevereiro de 1541 (PORRO, 1992, p.36), a fim de encontrar o Eldorado e o País da Canela – respectivamente ouro e especiaria – objetos muito requisitados na Europa, chegando ao Oceano Atlântico em setembro de 1542, inauguravam discursivamente aquela que viria a ser uma das mais importantes e cobiçadas regiões do planeta?

De acordo com as informações de Antonio Porro, organizador do livro *As Crônicas do Rio Amazonas*, tendo à frente da expedição Gonzalo Pizarro, com outros 220 espanhóis montados a cavalo e cerca de 4.000 índios oriundos dos Andes, responsáveis pelo carregamento de materiais como rodas, madeiras, armas, barris de pólvora, e animais, - e que, no decorrer da viagem, encontrariam a morte, dentre as dificuldades encontradas pelo grupo de homens, destacava-se a descida dos picos montanhosos dos Andes, bem como a difícil caminhada em direção aos rios Coca e Napo. Se junta ao grupo de viajantes, o também espanhol Francisco Orelhana, mais tarde nomeado capitão por Gonzalo Pizarro e encarregado de descer o rio Coca à procura de alimento. Acompanham Francisco Orelhana, na busca de mantimentos, cerca de 60 homens, dentre os quais o frei dominicano Gaspar de Carvajal, convidado pelos representantes da Coroa Espanhola para servir de capelão na expedição rumo ao País da Canela e ao Eldorado. Estamos diante de uma segunda expedição, organizada a partir da primeira, comandada por Gonzalo Pizarro.

A narração dessa segunda viagem extraordinária, se levarmos em consideração ser ela um desdobramento da primeira, vista como um texto que inaugura discursivamente a Amazônia (CARVALHO, 2005), ou seja, como um texto emblemático que traz para o leitor do século XXI significativas informações sobre diferentes aspectos da vida do habitante da Amazônia, revela ainda as estratégias de defesa dos nativos do lugar frente aos espanhóis, a organização política dos diferentes grupos de nativos que viviam às margens dos rios amazônicos, os rituais religiosos praticados por diferentes etnias, sua gastronomia, os modos de sua habitação, as relações intertribais de comércio e guerras, os artefatos artísticos produzidos pelas mais diferentes tribos no interior da floresta. Intitulado *Relação... do novo descobrimento do famoso rio grande que descobriu por mui grande ventura o Capitão Francisco de Orelhana*, o texto de autoria de Gaspar de Carvajal, segundo nos informa Antonio Porro (1992, p.38), só foi publicado entre os anos de 1851 a 1855, como parte da obra de Gonzalo Fernández de Oviedo y Valdés, primeiro cronista real das Índias Ocidentais, na sua obra *Historia General y Natural de las índias, Islãs y tierra Firme del Mar Oceano*, embora os manuscritos pareçam ter sido amplamente divulgados já nos séculos XVI e XVII.

Embora encarada como um grande fracasso pela coroa portuguesa, o relato da viagem do frei dominicano, contraditoriamente, parece ter repercutido positivamente na Europa do século XVIII! A referência à existência de uma sociedade de mulheres sem marido – as Amazonas, foi capaz de mover o cientista francês Charles-Marie de La Condamine (1992, p.78), que ao entrar na Amazônia, em 1743, assim comenta: *no decorrer de nossa navegação, interrogávamos por toda parte os indígenas de diversas nações, perguntando-lhes com grande cuidado se tinham algum conhecimento daquelas mulheres belicosas que Orellana pretendia ter encontrado ou combatido...* Assim escreve o cientista francês, em

seu relato *Viagem pelo Amazonas – 1735 – 1745*, editado pela nova Fronteira e pela EDUSP, em 1992.

Ao analisar a *Relação de Viagem* de Carvajal, temos que observar as condições de sua produção, atentando para o que é visível, ou seja, para o que foi efetivamente dito pelo cronista e pelo comandante da expedição à Coroa Espanhola, e ao público de sua época. Por trás desse discurso visível, encontramos um outro, engendrado ideologicamente pela classe dominante da época que financiava e apoiava tais viagens exploratórias rumo às terras desconhecidas. No primeiro caso, sabemos que a *Relação de Viagem* de Carvajal foi escrita para informar ao rei Espanhol sobre as novas terras encontradas, bem como sobre as privações a que foram submetidos os homens comandados por Francisco Orellana, no difícil percurso da fantástica viagem, com duração de sete meses, tendo sido percorridos cerca de 8.000 quilômetros, na tentativa de livrar Orellana da acusação de ter abandonado Gozalo Pizarro em plena selva, a fim de reter para si e o seu grupo a fama das descobertas das terras que percorreram.

Segundo o pesquisador Esteves (1993, p. 16), Orellana seguiu rio abaixo com seus companheiros, a princípio, sem nada encontrar, *alimentando-se de solas de sapato e cintos cozidos com ervas*. Entretanto, no decorrer da viagem, o grupo comandado por Orellana consegue comida, doada pelos nativos ou tomada à força através das recorrentes práticas de violência. Através da narração dessas práticas de violência, o leitor do texto de Carvajal tem diante de si objetivas informações sobre a organização dos primeiros focos de resistência das populações da região Amazônica, além de informações acerca do grande número de nativos que habitavam o lugar. Portanto, a força e a resistência surgem já como marcas dos nativos da região, que chegavam a juntar-se para melhor combater, ainda que com arcos e flechas envenenadas, os espanhóis portadores do fogo – a pólvora.

Em outro trecho do *Relato de Viagem*, Orellana estabelece o ritual de posse da nova terra em nome da coroa espanhola, sem deixar de demonstrar ao seu soberano a viabilidade de exploração comercial daquelas terras. Entretanto, em busca da sobrevivência, o *Relato de Viagem*, de Carvajal, acaba por colocar em relevo importantes aspectos da economia dos nativos da Amazônia, como os intercâmbios comerciais e o tipo de alimentação e plantação cultivado pelos autóctones da região. Com efeito, há inúmeras informações sobre a agricultura ali praticada, como plantação de milho e mandioca, fabricação de bebidas fermentadas, além de diversificados tipos de criação de animais para alimentação, a exemplo das tartarugas e peixes mantidos em cativeiro, no interior de cercados dentro d'água.

De acordo com a pesquisadora chilena Ana Pizarro:

... la Amazonía es una construcción discursiva. No si há llegado a ella se no a través de esta construcción. Es la historia de los discursos que la han ido constituyendo em diferentes momentos históricos y de los cuales hemos recibido parte de la información, fundamentalmente la que permite identificar el discurso externo sobre ella. (...) La Amazonía como espacio físico y humano, cultural, tenía elementos que actuaban como dispositivos simbólicos em el ocupante, gatillándole conexiones semióticas del imaginario, permitiéndole construir com lo que veía um universo mítico,

que respondia a sus carencias, expectativas, necesidades físicas y espirituales. (PIZARRO, 2005, p. 130-152).

Dentre os vários temas de interesse do *Relato de Viagem* de Carvajal, hoje, destacamos para nossa reflexão um dos eventos narrativos mais emblemáticos, cujos desdobramentos resultaram na afirmação da identidade dessa vasta região de florestas e rios, considerada, na atualidade, como aquela de maior biodiversidade do planeta – a Amazônia. Surgia, assim, um referencial legitimamente europeu, um mito de origem ocidental trazido aos habitantes da vasta região, cujo território incluiria, mais tarde, além do Brasil, parte de outros Estados, como o Peru, a Bolívia, a Venezuela, a Colômbia, o Equador, o Suriname, a Guiana e Guiana Francesa. Todos os países, com efeito, tendo um pedaço da Amazônia como parte de seus territórios nacionais, cada um forjando seu imaginário e constituindo suas identidades aquáticas resultantes de certos elementos da natureza - as águas que formam os igapós, as lagoas, os rios, além da mata, dos animais e as crenças daí advindas, formadoras de seu imaginário. A constituição dessas identidades plurais, diversas e aquáticas deu-se da forma mais violenta possível, resultado do contato desse nativo com o branco colonizador que tentou apagar seus referenciais simbólicos mais preciosos - a língua, o sistema religioso de base ritualística e sua relação diferenciada e respeitosa com a terra. Embora com fortes tintas ideológicas, esse discurso não perdeu a validade quando o assunto em tela é a região amazônica, seja ela a brasileira, equatoriana, colombiana, boliviana, peruana, venezuelana, etc.

Nesse contexto, os habitantes das margens dos rios amazônicos, ao longo dos tempos, têm testemunhado, em sua solidão, a constituição da própria identidade, como dissemos múltipla, plural, reproduzida no resgate dos “causos”, dos mitos e das lendas que lhes dão vida porque fazem parte de seus valores cotidianos. Assim, a representação do imaginário amazônico das narrativas literárias é povoada pelos episódios fantásticos e reais desse mundo feito de rios e florestas, pela narração de perdas e conquistas afetivas, em uma região ainda marcadamente patriarcal.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- CARVALHO, João Carlos de. *De Carvajal a Márcio Souza*. Rio Branco: EDUFAC, 2005.
- ESTEVES, Antonio R. *A ocupação da Amazônia*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1993.
- LA CONDAMINE, Charles-Marie de. *Viagem pelo Amazonas – 1735-1745*. Tradução de Maria Helena Franco Martins. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; São Paulo: EDUSP, 1992.
- PORRO, Antônio. *As crônicas do Rio Amazonas*. Tradução, introdução e notas etno-históricas sobre as antigas populações indígenas da Amazônia por Antonio Porro. Petrópolis, RJ: Vozes, 1992.
- PIZARRO, Ana. *Imaginario y discurso – La Amazonía*. In: *Sentidos dos lugares/ organizadores José Luís Jobim... [et al.]*. – Rio de Janeiro: ABRALIC, 2005, p. 130-152..